



## **“Comunidades de Vida no Espírito Santo”: um novo modelo de família?**

**Cecília L. Mariz**

**Departamento de Ciências Sociais/ IFCH/UERJ**

**Rio de Janeiro, Brasil**

### **Introdução:**

A moralidade familiar e sexual tem sido uma forte preocupação em inúmeros movimentos religiosos. Observa-se que as grandes tradições religiosas, a cristã, tanto católica como protestante, ou islâmica e ainda judaica, especialmente seus grupos mais fundamentalistas, compartilham a uma avaliação negativa dos valores da cultura moderna contemporânea, que são vistos como responsáveis por uma familiar e moral.

Na Igreja Católica nos dias de hoje no Brasil, o Movimento de Renovação Carismática (MRCC) tem se destacado muito, não apenas por sua popularidade, mas também por suas críticas aos valores da sociedade secular que são vistos como ameaças aos valores cristãos e à vida familiar. Embora na verdade esteja o MRCC apenas defendendo o discurso oficial da Igreja Católica, o faz com uma convicção que não se encontra em outros setores dessa igreja especialmente nos mais intelectualizados e politizados. Estudos sobre o MRCC no Brasil apontam a similaridade entre o discurso sobre família e sexualidade do MRCC e dos chamados fundamentalistas evangélicos (Machado, 1996; Carranza, 2000). O presente

artigo procura identificar uma possível relação entre esse tipo de discurso reativo à modernidade e aos valores individualistas e a criação das chamadas “comunidades de vida” por membros participantes de grupos de oração carismática. Uma hipótese que se levanta é de que essas comunidades poderiam oferecer alternativas aos que, por razões diversas, se sentem impossibilitados de participar de uma família, ou estão insatisfeitos com o modelo familiar conjugal existente. Dessa forma se argumenta que essas comunidades se aproximariam também de propostas comunitárias surgidas em movimentos contraculturais e também de comunidades criadas por grupos esotéricos com religiosidade do estilo Nova Era, ou outras<sup>1</sup>. Por outro lado, não se pode esquecer a sua semelhança com outras experiências mais antigas e tradicionais ao cristianismo como as ordens religiosas católicas, também os begardos e beguines, e as seitas evangélicas.

O MRCC tem chamado atenção dos pesquisadores no Brasil e em diversas partes do mundo pela criação das chamadas “Comunidades de Aliança e Vida no Espírito Santo”<sup>2</sup>. A partir de experiências de “oração no Espírito”<sup>3</sup> que ocorrem pequenos grupos que se encontram em geral semanalmente nas paróquias, e também da experiência de estudo de oração que ocorre em eventos maiores como os chamados “Seminários no Espírito”, esses católicos, que se autodenominam de “renovados,” decidem formar essas comunidades. Diferentemente das comunidades de base, as de aliança e vida não estão vinculadas a nenhuma área geográfica nem à situação de pobreza. Além disso, são vistas como opções de certos líderes e grupos que querem aprofundar sua fé e prática, que buscam ser um “virtuose” em sua fé, e não seria uma prática ou um caminho indicado para todos engajados no movimento e na Igreja Católica.

A maior parte das comunidades do MRCC se define como simultaneamente “de Aliança e de Vida”. Seus membros destacam que não há diferença em ser um participante “de aliança” ou ser “de vida”: o valor espiritual seria o mesmo e compartilhariam a mesma identidade comunitária. No entanto há diferenças práticas no estilo de vida dos membros da

---

<sup>1</sup>Entre “as outras” estariam, por exemplo, grupos religiosos como “A Família”(ex-Meninos de Deus). Esse grupo também critica o modelo de família atual. Muitas comunidades esotéricas do tipo Nova Era (New Age) também são críticas à moralidade sexual e familiar. No entanto, essas críticas têm às vezes conteúdo muito diverso e até oposto as feitas pelo MRCC.

<sup>2</sup>Csordas (1994) comenta sobre essas comunidades nos EUA, Cohen (1990, 1997) na França, Carranza (2000), Miranda (1999), e Oliveira (2003) analisam comunidades no Brasil. Cohen (1997: 136) considera essas comunidades “une nouvelle manière d’acclimater des traits sectaires au sein de l’Église”.

<sup>3</sup>São nesses grupos de oração que os católicos renovados cotidianamente experimentam os “Dons do Espírito Santo”, experiência inovadora na Igreja Católica contemporânea.

“comunidade de vida” que os distinguem dos “de aliança”. Os primeiros compartilham o cotidiano, moradia, trabalho, recursos, despesas com outros membros. Já os da “comunidade de aliança” apóiam os “de vida” com doações, trabalhos voluntários, orações, mas continuam a manter sua vida e empregos anteriores<sup>4</sup>.

Essas comunidades de aliança e vida não fazem parte da estrutura do MRCC, ou seja, não são componentes necessários e essenciais do movimento, como seriam os grupos de orações e outros órgãos de direção do movimento. As comunidades se relacionam com esses grupos, mas têm sua autonomia, tanto que por vezes, algumas não se definem como parte do movimento embora tenham sido criadas a partir de experiências da liderança e de seus membros no MRCC.

Apesar de possuir instâncias diretivas a nível local, regional, nacional e internacional, os membros do MRCC se organizam de forma bastante autônoma criando grupos e comunidades (Mariz, 2003). O MRCC é marcado assim por um dinamismo e flexibilidade, que caracterizam grupos religiosos que permitem um acesso direto ao sagrado, no caso aos dons do Espírito Santo. Como dizem as escrituras judaico-cristãs, “o *Espírito sopra onde quer*”. Daí é freqüente e também legítimo que surjam distintas lideranças com “carismas” os mais diversos. Isso, sem dúvida, resulta numa pluralidade interna que tem sido a marca do MRCC (e dessas comunidades também).

As comunidades de vida e aliança surgem assim a partir de iniciativas de determinadas lideranças que emergiram no MRCC. Algumas são lideranças leigas, mas nem todas. Há casos de comunidade fundada por um casal, outra criada por um padre, outra por um grupo de jovens. A espontaneidade de seu surgimento também implica autonomia em relação à hierarquia.

No Brasil as comunidades de vida e de aliança se multiplicam e algumas crescem em número de membros e de casas, se expandem por mais de um Estado da federação alcançando até o exterior. Cada uma das comunidades, de forma similar às ordens e congregações religiosas, tem um carisma fundador e regras próprias. Se por um lado, as “comunidades de vida” podem lembrar as tradicionais congregações religiosas, por outro,

---

<sup>4</sup> Esse tipo de desenvolvimento associativo se repete nas mais diferentes tradições religiosas, como observa Weber (1991:310) Esse autor destaca também a interdependência entre os dois tipos de comunidades religiosas, a primeira formada por aqueles que chama de “acólitos permanentes, que colaboram ativamente na missão (...)” e a segunda que constituiria o “círculo de adeptos” que ofereceriam apoio material ajudando à sobrevivência dos primeiros.

diferem bastante daquelas, quando por vezes reúnem, numa mesma residência, fiéis de ambos os sexos, e também casais com filhos. As comunidades de vida se sustentam muitas vezes com o trabalho de seus membros<sup>5</sup>, mas em geral contando sempre com a doação dos participantes da comunidade de aliança.

O presente estudo foca as comunidades de vida, no entanto, não se pode falar dela sem se referir às de aliança, já que são parte de um todo. A partir das visitas algumas comunidades, entrevistas com membros, pesquisas em seus *sites* na *internet*, nos materiais de divulgação do grupo, procura-se nesse artigo relacionar o apelo dessas comunidades no Brasil, entre outras coisas, à fragilidade das famílias nucleares contemporâneas, que têm sido vistas como perdendo a capacidade de desempenhar bem as funções que se espera dela como, por exemplo, oferecer suporte à subjetividade individual, apoio afetivo às crianças entre outras. Destaca-se que esse apelo parece ser mais forte para os jovens. Esses, que por definição estão na etapa de vida onde se inicia novo núcleo familiar, enfrentam questões práticas para entrar no mercado e conseguir recurso para sobreviver, além de se verem diante de valores conflitantes. A crise econômica intensifica a dificuldade para a convivência na família de origem e também restringe a possibilidade de saída dessa família e a construção de uma nova família. O objetivo desse trabalho é, portanto, analisar em que medida o projeto e o apelo dessas comunidades podem estar vinculados a buscas de alternativa ao modelo de família conjugal contemporânea.

Os dados analisados foram coletados no final de 2003 e em 2004. A pesquisa está ainda em andamento. Os comentários que aqui desenvolvo são baseados especialmente nas visitas e entrevistas feitas em casas de cinco comunidades todas localizadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. As comunidades pesquisadas foram: Novo Maná, Shalom, Canção Nova, Mãe do Redentor, Toca de Assis. Até agora equipe da pesquisa visitou apenas uma casa de cada comunidade, com exceção da Toca de Assis, onde foram visitadas duas casas, uma masculina e outra feminina.

### **As comunidades pesquisadas**

As comunidades Canção Nova, Toca de Assis e Shalom foram fundadas fora do Rio de Janeiro. As duas primeiras se originam em São Paulo, e a Shalom veio do Ceará. A

---

<sup>5</sup> Em algumas comunidades de vida membro pode ter um emprego fora da comunidade, em outras não.

Canção Nova e Shalom são também as comunidades mais antigas das cinco estudadas aqui, fundadas respectivamente em 1978 e 1982. As outras surgiram após 1990.

A Canção Nova, a mais antiga e provavelmente a que mais congrega membros, foi fundada por um padre, Jonas Abib. O carisma principal dessa comunidade é a comunicação massa, por isso possui um canal de televisão e emissoras de rádio. A Canção Nova é citada sempre na fala de membros de outras comunidades, tendo sido uma referência e inspiração para os fundadores das comunidades mais recentes. Brenda Carranza (2000) já discute essa comunidade em seu livro. A dissertação de mestrado de Eliane Martins Oliveira (2003) teve como tema a Canção Nova, em especial os encontros realizados em sua sede em Cachoeira Paulista, já a TV Canção Nova é objeto da pesquisa de Antônio Braga (2003).

No Rio de Janeiro visitamos a rádio Canção Nova e entrevistamos alguns membros da comunidade em seu ambiente de trabalho. Segundo os dados oferecidos por nossos informantes, concluímos que a experiência da comunidade de vida da Canção Nova no Rio parece ser mais compartilhada no ambiente de trabalho do que no doméstico. Os membros, que vivem nessa cidade, trabalham todos na TV e rádio, no entanto, não compartilham a mesma moradia. A comunidade de vida do Rio ocupa mais de um apartamento. Embora os apartamentos estejam todos próximos, quase todos localizados em um mesmo prédio no bairro de Laranjeiras, a convivência doméstica separa os homens solteiros, das mulheres solteiras, separando também os casais entre si. Cada casal mora em um apartamento separado. Os informantes nos dizem também que passam mais tempo na rádio, trabalhando. Explicam que, na época da entrevista, havia relativamente pouca mão de obra para esse serviço. Assim, apesar dos casais morarem separadamente, a experiência como “comunidade de vida” existe por compartilharem os rendimentos, as despesas e toda economia doméstica, além do local de trabalho e experiência religiosa.

Os nossos informantes identificam as origens dessa comunidade nos “Encontros de Jovens”, em Lorena (SP) liderados pelo Pe. Jonas Abib. Desses encontros surgiu em 1974 a Associação Canção Nova. Posteriormente em 1978, já instalados em Queluz (SP), foi fundada a comunidade de vida “Canção Nova, a Casa de Maria”, com 12 jovens e o Pe. Jonas Abib. Nessa entrevista foi referência a quatorze (14) casas da Canção Nova em diferentes estados do Brasil e no exterior (Portugal e Itália, em Roma). Há casas no Rio, São Paulo, Aracaju, Natal, Belo Horizonte, Vitória da Conquista, Brasília, Palmas, Nova

Esperança (PR) e nas cidades paulistas de Lorena, Queluz, Paulínia, Cachoeira Paulista<sup>6</sup>. Embora, o carisma mais forte da comunidade seja a comunicação na mídia, cada uma dessas casas tem um trabalho específico.

O trabalho da casa do Rio de Janeiro é a evangelização através da mídia (rádio e TV). No Rio de Janeiro a Canção Nova é uma comunidade de aliança e de vida, e possui atualmente cerca de 54 pessoas, 20 na comunidade de aliança, e 34 na de vida.

Sobre a comunidade Shalom, a primeira fundada no Estado do Ceará, há descrição e análise no livro Júlia Miranda (1999: 54). Essa comunidade foi criada em 1982 por um jovem solteiro e uma senhora casada<sup>7</sup>. Ambos, segundo Miranda, são fortes lideranças e referências constantes no MRCC em Fortaleza. Esse líder, que se chama Moysés (adota-se aqui a grafia do nome tal estava no *site* da comunidade), teria tido depois contato com o Padre Jonas Abib, o fundador da comunidade Canção Nova<sup>8</sup> em Cachoeira Paulista, SP. Depois desse encontro teria recebido inspiração divina para elaborar as regras da comunidade Shalom.

Nossos entrevistados na casa de Botafogo da Shalom no Rio de Janeiro, confirmam a história acima. O fundador, segundo os relatos, era um jovem estudante de Fisioterapia que participava de um grupo de oração do MRCC e que resolveu montar uma lanchonete com outras quatro pessoas e pregar a palavra de Deus entre seus clientes. Com o tempo foi sentido a necessidade de ir além dessas pregações na lanchonete, e começou a pensar em fundar uma comunidade, pois sentia que “era essa a vontade de Deus”. Nossos informantes não se referiram a mulher casada que teria fundado a comunidade junto com o jovem, mas no site há referências a ela. Nesse site se divulga também as regras e a missão da comunidade.

Presente já em vários estados do Brasil, a Shalom também tem casas em outros países, como Itália (Roma) e Israel. A sede em Botafogo já existe há 7 anos. Segundo os entrevistados, a comunidade veio de Fortaleza para o Rio de Janeiro a convite do arcebispado. Nos primeiros anos se instalou no bairro de Leme, e lá desenvolveu um

---

<sup>6</sup> Sobre essas casas e história da comunidade há mais detalhes na homepage da comunidade ([www.cancaonova.com](http://www.cancaonova.com)). Os dados das entrevistas e do site coincidem no geral.

<sup>7</sup> Júlia Miranda cita o nome de Moisés e Estela. Embora haja concordância que seja Moysés (a grafia que aparece lá é essa), a homepage da comunidade Shalom informa que a co-fundadora se chama Maria Emmir.

<sup>8</sup> Para mais informações sobre a Comunidade Canção Nova e o Padre Jonas Abib ver o livro de Brenda Carranza (2000) e a recente dissertação de mestrado de Eliane Martins Oliveira (2003)

trabalho de apoio àquela paróquia com um pequeno grupo de oração. Um ano depois, foi para o bairro de Botafogo. Nesse bairro possui três casas, em uma delas funciona o centro de evangelização da comunidade, nas duas outras moram os membros da comunidade de vida. Rapazes e moças moram separadamente. Há poucos casais na comunidade do Rio de Janeiro na época da pesquisa: um casal apenas que dividia a casa com as mulheres solteiras. O líder no Rio, que se chama Timbó, tem seus escritos divulgados no *site* da comunidade do Rio ([www.shalomrj.com.br](http://www.shalomrj.com.br)).

A Toca de Assis foi criada em 1994 na cidade de Campinas São Paulo. O fundador foi o padre Roberto Pe. Roberto José Lettieri. Segundo o site oficial, esse padre é natural da Mooca, São Paulo, converteu-se em 1983 em um encontro de jovens. Na época da fundação, Pe Roberto era ainda seminarista que desenvolvia um trabalho na pastoral de rua. Segundo os relatos foi esse trabalho que motivou três jovens viver o carisma franciscano e a se juntar ao então seminarista para viver em comunidade.

Atualmente o nome oficial da comunidade Toca de Assis é *Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento*. Essa comunidade se distingue das demais visitadas por ter como objetivo de se tornar uma congregação religiosa. Um dos nossos entrevistados comenta sobre esse projeto explicando que já há um processo para conseguir aprovação eclesial.

Diferentemente das três comunidades acima, Novo Maná e Mãe do Redentor têm suas origens no Rio de Janeiro. Fundada em 1993 pelo casal Wandick Juvêncio Leitão (falecido em 2000, aos 34 anos) e Cristiane de Almeida, a “Comunidade Católica Novo Maná” é também uma comunidade de vida e aliança. Surgiu de um grupo de oração do MRCC, na paróquia São Sebastião, em Austin, distrito de Nova Iguaçu. Atualmente possui 29 membros na comunidade de vida e entre 50 e 70 pessoas participando da comunidade de aliança, além de quatro casas (três são casas de missões<sup>9</sup> e uma é um centro de evangelização em Vila de Cava e moradia, que visitamos).

---

<sup>9</sup> As casas de missão são: Casa N. Sra. Rainha das Vitórias, em Palmas, Tocantins, o Asilo São José e Capela São Mateus (Missão em Nilópolis), Casa N. Sra. Rainha do Rosário – Paróquia São Pedro São Paulo (Missão Paracambi).

O carisma do Novo Maná é distribuir alimentos: alimento material e espiritual. A líder fundadora que ficou viúva casou-se com outro membro da comunidade. Casais com filhos e pessoas solteiras convivem na casa sede do Rio de Janeiro.

A “Comunidade Missionária Mãe do Redentor” foi fundada em 2 de novembro de 1996 por três homens jovens adultos: Marcelo Souza, Antônio José e João Paulo. Os dois primeiros ainda estão na comunidade, mas João Paulo já não participa mais<sup>10</sup>. Segundo Antonio José, antes da comunidade surgir ele e Marcelo Souza já trabalhavam juntos com meios de comunicação. Ambos compartilhavam o ideal de evangelizar através dos meios de comunicação, mas a comunidade nasceu de fato com o incentivo do Bispo da Diocese de Caxias que após uma conversa com Marcelo cedeu uma casa paroquial em Parque Lafayette e abençoou a criação e o projeto da Mãe do Redentor.

A principal missão da Mãe do Redentor é o resgate de vidas, ou seja, “resgate de milhões de filhos de Deus que vivem na miséria espiritual”, na fala de um de seus fundadores. O meio usado para isso é a mídia: rádio, tv e internet. Segundo o entrevistado, “*o papa João Paulo II está convocando os católicos a utilizarem cada vez mais os meios de comunicação*”. Atualmente a comunidade de vida Mãe do Redentor é composta de cinco membros, três homens e duas mulheres, entre eles não há nenhum grau de parentesco. Com a aquisição da terceira casa, agora há uma casa das mulheres e outra dos homens, todos trabalham apenas dentro e para a comunidade, exceto Marcelo Souza que tem um programa na Rádio Catedral FM. A comunidade possui também uma editora, além de uma rádio. Segundo Antônio José, tudo isso é fruto das doações dos sócios, que hoje chega a mais de 600, o que segundo o entrevistado é muito pouco ainda.

### **O discurso sobre na crise da família**

Como ocorre no MRCC há um discurso fortemente prol família nos textos divulgados pelas comunidades e na fala dos entrevistados. Mas ser prol família significa, como já foi comentado, ser crítico à sociedade contemporânea. Esse discurso que prevalece no MRCC como um todo, pode se tornar muito forte e radical entre os membros do MRCC que decidiram entrar para as comunidades, como observou Eliane Martins Oliveira (2003)

---

<sup>10</sup> Atualmente Antônio José é coordenador da comunidade e responsável pelo departamento de radiodifusão. Já Marcelo Souza parece ter uma certa liderança espiritual tanto que na *homepage* da comunidade há muitos textos e mensagens de sua autoria. Ainda não pesquisamos as razões do afastamento do terceiro fundador.



em seu estudo sobre a Canção Nova. Essa autora apresenta entrevistas de participantes, pregações do padre Jonas Abib com intensa preocupação com a moralidade sexual e com os valores familiares que julgam em extinção, da mesma forma como sugerem poder estar em extinção o nosso próprio mundo.

Esse desconforto com a sociedade moderna também apareceu na fala de membros de outras comunidades que pesquisamos. Uma entrevistada da Shalom no Rio de Janeiro afirma:

*“eu valorizo demais a questão da família, e também nós nos vemos como uma família. Mas o valor da família no mundo hoje está se perdendo, hoje ninguém quer mais se casar, ninguém quer mais ter um compromisso com o outro. Nós vivemos num mundo cada vez mais egoísta” (mulher solteira, 28 anos)*

Depoimento similar é o de um membro da Mãe do Redentor:

*“As famílias estão sendo destruídas sem perceber, com novelas, com programas que não tem nada a ver, com a vida indecente e coisas que estão mesmo destruindo a família, aos poucos, sem perceber (...). O mundo é sutil pra fazer essas coisas, a gente não, a gente pra reavivar é até mais descarado, a gente chega e fala mesmo, mas o mundo vai destruindo aos poucos.*

Além de se referirem à crise dos valores familiares na sociedade em geral, houve também referências por parte dos entrevistados a problemas que viveram em seus lares. Esse é o caso de uma entrevistada da Shalom que assinala: *“A minha família era uma desarmonia muito grande, havia muitas brigas na minha casa, discussões”* Sem aprofundar muito sua experiência familiar, mas sugerindo uma certa tendência a manter uma falsa imagem, um membro da Toca de Assis diz sobre sua família de origem *“porque agente se apresentava de uma forma, numa posição em casa, e era outra fora”*.

Um dos entrevistados da Mãe do Redentor, inclusive, é divorciado, e tem um filho, que está empregado na comunidade, mas sem ser membro dela. Ele conta sobre seu casamento. Os divorciados que se proponham a seguir a doutrina oficial da Igreja Católica, como fazem querem fazer os católicos da Renovação Carismática, não podem constituir outra família, tampouco teriam eles espaços em ordens religiosas tradicionais. Essa questão não foi, contudo, aprofundada com os entrevistados.

A percepção de fraqueza institucional da família e dos valores que sustentavam parece motivar a vida em comunidade. Esse tipo de vida coletiva protegeria os indivíduos isolando-os da sociedade mais ampla, reforçando a plausibilidade de seus valores ameaçados pelo mundo exterior. Por outro lado, os dados sugerem que as comunidades de

vida respondem não apenas a uma insatisfação com a sociedade mais ampla, e fraqueza do modelo familiar, mas podem também estar respondendo a uma insatisfação com as ordens religiosas existentes. Houve relatos de entrevistados que declararam ter tentado ingressar em uma ordem religiosa antes de optarem por uma comunidade de vida. Essas comunidades criariam uma estrutura de associativa entre família e ordem religiosa.

### **A comunidade como uma ruptura com a família**

Narrando o surgimento da comunidade Canção Nova um dos nossos entrevistados lembra como foi o desafio que o Padre Jonas Abib colocou para os jovens que foram os primeiros fundadores da comunidade. Ele perguntou quem deles *“teria coragem de dar um ano de suas vidas a Deus, largar trabalho, escola, namoro, família, pra morar todos juntos durante um ano apenas”*. Um desafio por Deus seria assim *“largar a família”*.

Também na Toca de Assis, o guardião da casa de Madureira explica: *“o Senhor nos convida a esse despojamento, a essa renúncia. Então a pessoa deixa tudo, deixa a família, deixa os bens, os projetos, os objetivos da vida e vem pra cá. Aí quando ela começa a ter essa experiência...”*

Esse sacrifício pedido por Deus aos membros da comunidade reaparece quando se comenta sobre o fato dos membros viverem longe de sua terra. Observou-se que os membros da comunidade de vida do Rio ninguém era originário do Rio. Nosso entrevistado explica:

*“a sede ela não manda pra cidade de origem porque ai complica um pouco - tem a família. Você pode ir até pra mais próximo da sua cidade, mas a maior parte vai pra fora. Tem gente aqui da Bahia, tem gente do Paraná, tem gente de Minas, tem gente de vários lugares”*.

Os jovens também comentam o desagrado de seus pais com a sua opção de ingressar nas comunidades, como fica claro no depoimento de Danilo da Toca de Assis, que podemos citar entre outros:

*“ o meu pai ficou mal. Minha mãe não aceitava minha vocação, não entende. Hoje entende, graças a Deus. Demorou, mas entende. Porque a família entra numa autocondenação, que é um contraste, né?. ‘Que que eu fiz pro meu filho querer viver na miséria, na pobreza?’*

Encontramos depoimento similar na Comunidade Vida Shalom:

*“A minha mãe chorou, sofreu, mas entendeu. Ela já era de grupo de oração e tudo, já conhecia. Meu pai ficou revoltadíssimo, achou que eu estava ficando louca. E muitas pessoas na época acharam que eu estava louca.”*

Entre os testemunhos do site da Toca de Assis ([www.tocadeassis.org.br](http://www.tocadeassis.org.br)), se destaca o de Rosilene Lodi Gomes de São Bernardo do Campos, mãe de duas moças que são da comunidade,. Rosilene declara que de início ficou “muito revoltada”:

*“pois minha filha de 16 anos havia entrado na Toca. Eu nunca tinha ouvido falar e achava que tinham feito uma lavagem cerebral nela. Depois de três meses foi a mais velha, de 20 anos. Nesse tempo, corri atrás para conhecer o que era, quem estava levando minhas filhas, aos poucos fui entendendo (...)”*

A revolta de Rosilene, sua suspeita de lavagem cerebral e as reações negativas de outros pais, mencionadas pelos entrevistados, quando souberam da entrada dos filhos nessas comunidades lembram a atitude, descrita por Patrícia Birman (2001), de pais franceses cujos filhos ingressaram em comunidades religiosas identificadas como seitas. No entanto, certamente por serem católicas, as “comunidades de vida” provavelmente não despertam tanto estranhamento e medo nos pais brasileiros como as comunidades esotéricas e orientais o fazem nos pais franceses levando-os a participar do movimento anti-seita. Todos os jovens entrevistados se disseram de famílias católicas, e muitos tinham mães que também eram da RCC. Apesar disso, a opção dos seus filhos de deixar a família para viver em comunidade pode ser dolorosa por razões diversas. O afastamento do jovem da influência e proteção da família também pode significar também ruptura com o os projetos da família, seja de auto- reprodução, de ascensão social, de ampliação de laços afetivos e materiais entre outros.

Além de sair de casa, o ingresso numa dessas comunidades pode fazer com que o jovem abandone os estudos (essa é uma prática, parece mesmo que exigência da Toca, mas não de todas comunidades), por vezes abandone o emprego, compartilhe sua renda com gente fora do círculo familiar. Tudo isso gera um mal estar na família e preocupação sobre o futuro desses jovens por parte de seus pais. Tanto a manutenção material e sobrevivência atual e futura desses jovens parecem estar ameaçadas, como para ameaça também sobre os vínculos familiares que, entre outras coisas, implicam compromissos materiais (por exemplo, partilhar heranças ou dar continuidade a negócios em famílias com maior patrimônio ou renda, ser arrimo de família, ajudar os pais ou participar de rede de ajuda mútua nas famílias de menores recursos).

Por outro lado, a entrada dos filhos numa dessas comunidades também significa o abandono de um projeto de ascensão social familiar possivelmente acalantado pelos pais e até por avós, que se realizaria na geração a seguir. Optar por viver em comunidade desse tipo pode ser vista pelos pais como uma auto-marginalização do mercado de trabalho, um auto-condenamento à pobreza. A tensão entre família e essa comunidade religiosa pode, portanto, estar assim expressando também as oposições e tensões entre o discurso cristão e a prática econômica da sociedade capitalista discutida por Weber (1982). Os dados analisados até o momento sugerem, todavia, que na maior parte das comunidades estudadas há relativamente menos contradições do que teoricamente pode se apresentar<sup>11</sup>. Pelo que se podem inferir dos discursos dos entrevistados e dos textos divulgados por suas comunidades, bem como dos relatos de suas histórias de vida, há uma percepção de que o projeto construir uma família dentro dos valores católicos que adotam estaria já ameaçado pela vida na própria sociedade atual. O ingresso na comunidade não seria o responsável por isso. Além do mais, as condições concretas do mercado de trabalho, também parecem não ser muito promissoras. Participar de uma comunidade e optar por repartir ganhos e gastos é uma forma concreta de obter recursos e ocupação poucos disponíveis no mercado de trabalho. Essas ocupações, ao contrário das concretamente ofertadas na esfera econômica, possivelmente motivem e gratifiquem mais os sujeitos e alimentem sua auto-estima. Viver em comunidade significa viver e trabalhar com metas outras além do aumento do consumo, ascensão social. A constatação e/ou intuição que essas metas, ditadas pela sociedade mais ampla, provavelmente serão frustradas podem gerar conflitos pessoais sociais e ameaçar auto-estima do indivíduo.

Embora haja um discurso, que parece ser compartilhado por todas as comunidades, que tende a valorizar mais o celibato do que o casamento (ou valorizar mais o celibato do que a sociedade mais ampla valoriza), casais e filhos são aceitos e o casamento também é valorizado<sup>12</sup> (das comunidades pesquisadas apenas a Toca não aceita casais na comunidade de vida).

---

<sup>11</sup> Talvez apenas na comunidade Toca essa tensão seja maior, como o é também em relação à família. A Toca é a comunidade que mais se aproxima do modelo de ordem religiosa e de ruptura com o mundo.

<sup>12</sup> Esse valor relativamente maior dado ao celibato fica claro no texto da Shalom encontrado em seu *site* ([www.shalomrj.com.br](http://www.shalomrj.com.br)):

*“Os celibatários da comunidade são como um reflexo da Pessoa do Espírito Santo entre os irmãos e atuam como um instrumento de fecundidade e de poder espiritual para a comunidade e para a Igreja, são sinais do*

A ruptura com o ideal de família – casamento e filhos- não se coloca na maior parte das comunidades. Pelo contrário, há relatos de casais que se conheceram na comunidade de vida, se casaram e lá permaneceram. No caso, a comunidade pode ser até um recurso a se ativar para encontrar parceiros que compartilhem os mesmos valores e projetos. Na comunidade Novo Maná no Rio vivem assim crianças com seus pais, o mesmo ocorre, segundo nossos entrevistados e segundo *sites*, em casas da Shalom de outros estados, sobrevivendo todos da mesma economia doméstica comunitária, embora em algumas comunidades a família possua uma privacidade doméstica à parte.

Também, como veremos adiante, há comunidades que têm funções produtivas. Não se reduzem apenas a ser comunidade doméstica e de consumo. A auto-marginalização do mundo da produção é assim relativa.

### **Juventude e entrada na comunidade de vida**

Em todas as comunidades se fala muito dos jovens, quase todas parecem ter sido criadas por ou para jovens. Quando explica ao entrevistador a diferença entre comunidade de vida e aliança, uma mulher de 46 anos que participa da comunidade de aliança Canção Nova no Rio de Janeiro, ressalta a juventude dos membros da comunidade de vida.

*Mas só que a comunidade de vida, ela – a maioria são jovens – saem de casa pra se voltar totalmente pra comunidade. Não tem emprego e não tem nem tempo pra eles - trabalha dentro da comunidade, pra comunidade. Já de aliança é assim, você tem sua família, tem suas coisas, seu emprego, mas você tá dentro da comunidade pra dar suporte à comunidade de vida. Muitas vezes a comunidade de vida não pode sair para algum lugar, que a comunidade de aliança vai, entendeu? É o suporte da comunidade de vida, entendeu?”*

Por não ter ainda assumido compromissos familiares os jovens podem optar por uma vida em comunidade. Com efeito, observamos que a maioria das comunidades é formada por jovens, havendo, sem dúvida, exceções. Na comunidade Toca de Assis o nosso informante comenta que a maior parte dos membros tem entre 18 e 20 anos de idade, mas

---

*amor santificador do Espírito para os irmãos. Os celibatários são membros legítimos da comunidade e têm os mesmos direitos e deveres dos outros irmãos. São para todos um sinal escatológico lembrando-nos de que no Céu todos seremos Celibatário.”.*

há um vocacionado atualmente que planeja entrar com 62 anos. O guardião da casa masculina, com 25 atualmente (entrou com 17) afirma sobre a casa do Rio:

*“Nós somos em 15 jovens contando comigo. Já foi admitido também um senhor de 62 anos, mas ainda tá resolvendo questão social dele, assim de família e tudo mais, casa - os bens, né?”*

A pouca idade dos “toqueiros” (como se chamam) impressiona. Como a Toca foi fundada em 1994, conclui-se que muitos que entraram saíram, senão a média de idade seria mais alta, ou então, tem havido um crescimento vertiginoso recentemente.

Pela informação coletada em outras comunidades, nenhuma tem média de idade tão baixa como a Toca de Assis, mas o ingresso na comunidade tende a ser sempre antes dos 30 anos. A Canção Nova surgiu do trabalho pastoral com jovens realizado pelo padre Jonas Abib. A Shalom também teve origem num ambiente jovem como confirma seu site:

*“Nascida no meio dos jovens, a comunidade surgiu de um ardente desejo de evangelizar os jovens mais afastados de Deus. Transformamos uma lanchonete em um meio de atração dos jovens a Deus. Com eles vieram as famílias, as crianças e todo um povo se formou ao redor da obra”*

A juventude é vista como uma etapa liminar em todas as esferas da vida, mas principalmente na esfera familiar. Tanto que em alguns contextos se marca o fim da juventude ou a entrada na idade adulta pelo casamento ou pelo filho (Fulton, 2003). É na juventude que se deve sair da família de origem para formar uma nova família, desta forma esse jovem teria em princípio poucos deveres ou compromissos com essa família de origem que terá em breve que abandonar. Esse é então o momento para ir para a comunidade. Apesar de serem bem menos do que os jovens, ocorre também o ingresso de adultos solteiros, viúvos ou separados, mas esses não comentaram problemas e tensões com familiares sobre sua opção, talvez por serem adultos ou por se definirem “sem família”<sup>13</sup>.

### **Comunidade e família: semelhanças e diferenças**

Todos entrevistados comentam que a comunidade de vida é uma família. Nos textos das comunidades há referências a isso. Podemos ler “*a Família Canção Nova*” no site da Canção Nova, ou “*Somos uma Família!*” no site da Shalom. Nesse sentido, não se distinguem de demais grupos cristãos, como igrejas evangélicas, ordens religiosas. A

---

<sup>13</sup> A líder fundadora da comunidade “Eis o Cordeiro” comenta que o chamado para a comunidade a permitiu entender porque nunca tinha se casado.

tradição cristã ao propor a fraternidade universal adota analogia e terminologia familiar para nomear a experiência religiosa. Deus é pai, e todos os seres humanos são irmãos.

Além de referir à comunidade como família, é comum explicar sobre as etapas previstas para um indivíduo poder ingressar na comunidade fazendo uma analogia com a preparação para um casamento. Nas palavras de um dos entrevistados da Canção Nova:

*“Pra você entrar na comunidade primeiro é tipo um namoro, você vai vim conhecer a obra. Você vai passar dois anos conhecendo a obra. É um processo longo, tipo um namoro, noivado, pra vir o casamento, e depois tem a seleção”.*

De modo similar fala, um participante da Shalom:

*“A gente compara assim: tem o namoro, o noivado e o casamento. Então, o postulante seria o namoro com a comunidade, o noviciado já é um compromisso mais sério (..)Então, o noviciado seria o noivado, (...)Aí depois desses dois anos de noviciado, de noivado, a gente passa a próxima etapa(...) Casamento. Então, eu estou casada com a comunidade.”*

Também essa analogia foi feita por nosso entrevistado da Mãe do Redentor o que sugere ser essa uma forma de falar comum nesse meio. Provavelmente apareça também nas ordens religiosas, já que as freiras se dizem “esposas de Cristo”. É interessante notar que essa terminologia, não apenas sugere a paralelos entre a comunidade e a família, vendo a comunidade como uma família, mas também aponta para similaridade entre a experiência do amor romântico e a motivação para viver nessas comunidades. As etapas implicam em tempo para conhecer e refletir, assim, o mesmo discurso que se usa para afirmar a decisão seja tomada com clareza no casamento, é adotado para pensar a entrada na comunidade.

Mas pode se pensar que em geral as comunidades querem ser mais do que famílias. Elas se propõem a realizar missões que transcendem a satisfação, proteção e criação de seus membros. O depoimento de um entrevistado da Mãe do Redentor traz elementos que ajudam a refletir sobre isso:

*“Tem um casal e tem três pessoas fazendo caminho hoje pra entrar pra comunidade. O caminho é como se fosse um namoro. As pessoas vêm e participa, pega informação, oração com a gente, isso durante um ano. Nesse período a gente vai avaliando se elas são necessárias à comunidade e elas também avaliam se a vontade delas é essa.*

Embora também tenha usado os mesmo tipo de analogia que sugere uma relação de amor romântico entre a comunidade e o indivíduo, a fala desse entrevistado sublinha que os novos candidatos são também avaliados pela comunidade em termos de sua utilidade para a missão. A idéia de aceitar apenas pessoas que forem necessárias revela a importância da missão da comunidade.

Como foi dito, a comunidade se afasta ai da família, cuja função é cuidar e prover seus membros. A comunidade tem uma meta que a transcende e a seus membros. A idéia de avaliação da necessidade que se tem do futuro membro destoa de um discurso que fala apenas de amor e doação. A comunidade em questão, como uma empresa tem que ser eficiente, tem que cumprir metas. Tendo uma missão a cumprir, a comunidade não pode aceitar qualquer um, precisa de certos talentos e escolhe os membros que tenham esses talentos e competências. Tal uma empresa, não se leva em conta apenas sentimentos subjetivos, nem pode se levar em conta a necessidade do candidato, a prioridade deve ser a necessidade da missão da comunidade.

Pensar então essas comunidades também como unidades produtivas pode ser útil para entender sua dinâmica. Em algumas comunidades de vida é preciso abandonar o emprego fora, o membro vive e trabalha apenas na ou para a comunidade. Nas duas comunidades, cujo carisma era a comunicação via mídia (a Canção Nova e Mãe do Redentor), todos seus membros do Rio de Janeiro estavam envolvidos no trabalho dentro da comunidade. Além disso, a comunidade podia empregar profissionais de fora dela.

Em geral os membros da comunidade trabalham na própria comunidade e vivem dos recursos que essa possui. Como explica um membro da comunidade Canção Nova:

*“Nós não temos salário, nós não temos um retorno daquilo que nós trabalhamos. O dinheiro que nós recebemos – porque aí estaríamos fora da lei, né, ninguém trabalha de graça – nós passamos para uma pessoa que nós chamamos de caixinha, que é responsável pelo dinheiro da casa e é essa pessoa que vai fazer a administração da casa. Mas eu não tenho o direito de usar o meu salário e usar com aquilo que eu gostaria de usar. Eu acredito fielmente na divina Providência. Se eu quero um tênis novo, Deus vai dar um jeito e vai prover um tênis novo. Pra alguns é loucura, mas pra nós é acreditar na Providência. Deus provê!”<sup>14</sup>*

Ao ter uma função e uma meta específica cumprir, a comunidade de vida oferece trabalho e sobrevivência a seus membros. Dessa forma, responde também a necessidades prementes, especialmente, para os indivíduos jovens e as famílias jovens: ocupação e renda. Todas comunidades visitadas geravam sua renda própria, embora essa fosse fruto de doações<sup>15</sup>. Assim embora desempenhem as funções características de uma família na medida que organiza a vida privada dos indivíduos, seu consumo doméstico –moradia e refeições- as comunidades querem ser mais do que isso.

---

<sup>14</sup> O trabalho de Eliane Martins Oliveira (2003) analisa tensões e conflitos que essa prática pode ocasionar.

<sup>15</sup> Nesse caso se aproximariam do modelo de empresas como as ONGs que vivem de doações para seus projetos



### **Conclusão:**

Weber (1982) chama atenção como a profecia religiosa cristã tem criado associações que ganham autonomia em relação aos interesses da família, e parentela como um todo, podendo chegar a se opor a esses. Apesar de valorizar a família como instituição criada por Deus, o discurso do MRCC, também presente nas comunidades analisadas, sublinha que a lealdade familiar deve se submeter à lealdade religiosa, ou seja, os interesses religiosos devem prevalecer sobre os familiares. Por isso, em um primeiro momento, os relatos sobre o desagrado dos pais com o ingresso de seus filhos em comunidades de vida, e também a maior valorização relativa do celibato por essas comunidades pareciam sugerir que elas propunham uma ruptura com a família de origem e um abandono do projeto familiar como um todo. No entanto, os dados sugerem que essas comunidades podem estar propondo modelos alternativos para a vida familiar, como podem ainda estar oferecendo alternativas de ocupação e renda.

Embora a motivação para participar da vida em comunidade e a descrição do cotidiano da comunidade por seus membros enfatizem aspectos subjetivos e afetivos similares aos da motivação para formar uma família, as comunidades em questão, diferentemente das famílias modernas, não se reduzem nem querem ser apenas uma unidade de consumo. As “comunidades de vida” são também unidades de produção. Os bens e serviços produzidos por elas são vistos como sua “missão”. Apesar do trabalho comunitário não se dirigir nem ao mercado nem visar somente a sobrevivência da própria comunidade, ele tem concretamente permitido que a comunidade sobreviva. Dessa forma, a “saída do mundo” pode ser, especialmente para os jovens, também um meio de sobrevivência no mundo adotando formas alternativas de vida familiar e geração de renda.

### **Referências Bibliográficas**

- BIRMAN, Patrícia (2001) *Religiosidade, pluralismo e nação: as seitas na França hoje*. Tese para concurso para Professor Titular em Antropologia UERJ.
- BRAGA, Antônio-Mendes da Costa (2003) *TV Canção Nova: “Providência e Compromisso” X “Mercado e Consumismo”* Trabalho Apresentado na V RAM, Florianópolis, nov. 2003
- CARRANZA, Brenda (2000) *Renovação Carismática; Origens, Mudanças, Tendências* Aparecida, SP: Editora Santuário.

- COHEN, Martine 1990 “Les renouveaux catholique et juif en France” In CHAMPION, F & HERVIEU –LEGER, D. *De l’émotion en religion; renouveaux et traditions* Paris; Centurion 123-169
- \_\_\_\_\_ (1997) ”La regulation catholique dès pratiques pentecôtistes au sein du Renouveau Charismatique Français” In BERTIN, George & ROSSEAU, Marie Claude, *Pentêcote: de l’ intime au social* Nantes: Siloë- Université Catholique de l’Ouest. p.131-150
- CSORDAS, Thomas (1994) *The Sacred Self; Cultural Phenomenology of Charismatic Healing*. Berkeley: University of Califórnia Press.
- FULTON, John (2003) Trabalho apresentado no XVII Congresso da SISR Turim
- MACHADO, Maria das Dores C. (1996) *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*, Campinas: Editores Autores Associados.
- MARIZ, Cecília L.(2001) “Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidade de Base; uma análise comparada”. *Cadernos do CERIS*, 1(2): 11 - 42 e 69 -73.
- \_\_\_\_\_ (2003) “A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?” *Civitas Revista de Ciências Sociais* 3(1): 169-186 (PUC-RS, Porto Alegre)
- MIRANDA, Júlia (1999) *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- OLIVEIRA, Eliane Martins (2003) O novo canto da Canção Nova Dissertação de Mestrado Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) UERJ
- ORO, Ari (1996) *Avanço Pentecostal e Reação Católica* Petrópolis: Vozes
- WEBER, Max (1982) “Rejeições religiosas do mundo e suas direções” In *Ensaio de Sociologia* Rio de Janeiro: Zahar
- \_\_\_\_\_ (1991) *Economia e Sociedade*. Brasília: Ed.UNB